

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

DESPORTISTA S VIMARANENSES !

Desloca-se, hoje a Braga, para jogar, no Campo dos Peões, a segunda mão da final do campeonato de foot-ball do Distrito, o valoroso grupo de honra do Vitória Sport Club, que já vos tem proporcionado inúmeras tardes de glória.

O vosso dever, a vossa indeclinável obrigação é acompanhar os bravos rapazes que vão, uma vez mais, defender e procurar elevar o bom nome do desporto concelhio, e animá-los, incitá-los, durante o encontro, com entusiasmo, com vibração, sem desfalecimentos, sempre, até ao último segundo, confiados no triúnfo.

De vós depende, em parte, que logo à tarde tenhamos a alegria imensa de saudar, no nosso digno representante, o campeão distrital.

Pela vitória do Vitória!

Animula vagula, blandula...

(Notas e Cartas de um Médico da Província)

Em fins de Março.

Acabara sem demora nem caso grave a visita clínica às enfermarias — vão quasi já passados os rigores do inverno, causa de muita doença de frio e de fome. Atravessando o claustro superior, aberto sobre o pequeno pátio azulejado, onde, pelos golfinhos do chafariz, soluçam águas, procurei em seus modestos aposentos o Comissário da Ordem. Curioso ancião, de inteligência à antiga, rude e viril, aprazia-me a vivacidade arguta de seus comentários — mas o Padre fôra chamado para ungir uma velhinha no Asilo dos Entrêvados. E, como chegara à porta da vasta sala capitular, agora destinada a reuniões da Mesa da Ordem Terceira, entrei e deixei-me cair num forte cadeirão de espaldar de sola. A luz muito viva do sol, próximo do ocaso, retinha-se em poalha cromática ao filtrar-se pelos vidros coloridos das janelas. Na sala, espaçosa mas fechada, um bafo de incenso, botica e flores secas; ao fundo, em pequeno altar, entre palmitos e tocheiros, levanta-se a Cruz, negra e lisa, com a toalha de linho estendida nos dois braços — e, a todo o correr das paredes, nas quatro faces de velho amarelido tósto, em graves filas de solene e compassada ordenação, penduraram-se os retratos a óleo dos benfeitores.

Cavas, lentas, soltaram-se da tórre as badaladas do tocar à agonia. Na claridade, vinda da porta sobre o soalho, passou a sombra de uma Irmã. Escorria a água mais branda no chafariz. Outros rumores se deliraram e o murmúrio soluçante de *avés* e *misericórdias* esmoreceu no silêncio de lágrimas caldas.

Comecei então a ver, uma por uma, aquelas figuras para as quais tantas vezes olhara com desdenhosa indiferença. Galeria monótona e picaresca, tinha uma doce ingenuidade velhinha; nas fisionomias, carregadamente severas, pintadas a côres graves e decentes, havia civilidade de maneiras, compostura nos traços, pudoroso decôro no vestir. O que logo dominava o exame obsessivamente era, em tôdas elas, e por mais desconforme que lhes haja sido o destino, o mesmo ar de família. O exercício da caridade póstuma, razão de as congregarem naquela veneranda assembleia, como se pela fôrça do próprio dinamismo psicológico, dera-lhes às feições, tam variamente diferentes, a subtil mas indestrutível semelhança de singular parentesco — o mesmo relógio a contar-lhes as horas, a mesma cartilha a pautar-lhes as normas. Retratos a fuligem e a cinza — *pulvis et umbra* —, vivendo a morte na paralisia dos necrológios diferentes, pareciam traduzir existências igualmente mortas na calma absoluta dos dias e dos anos passados — nunca êstes olhos, vãos e fixos, se embeberam de luz; nem estas mãos de papel grosso, com veias de fios de novêlo, amaciaram carícias; nem êstes lábios de cêra ou zarcão, se abriram em beijos; o próprio fulgor das jóias de família derreteu em amarelo de tinta grossa e opaca; enjôa a traça a roupa de baú, domingueira e polida.

E chega a ser tam crua a impressão desalentada que se nos arripa o sentimento, vácuo solidão mais álgida e vasia do que a dos cemitérios, expostos às dôres e aos ódios dos homens e do tempo, a ironia dos epitáfios a desfolhar-se em letras de salmos e resposos, vala comum das almas, donde as almas se evolveram definitivamente esmaecidas...

Foi lascada a cutelo esta dura cabeça do Capitão-Mor, encaixando-a no manequim de pendurar o vistoso fardamento, muito esbraseado no peito de largas manchas diamantinas de condecorações — os pêlos de sovela do bigode arregaçam a amarela cortezia do sorriso à dona mulher, carne enchouraçada no setim roxo do vestido, a oferecer-lhe, de olhar estrábico, em penitência das vanglórias passadas e revindita dos ciúmes domésticos, como cautela e caldos de galinha para as horas soturnas da invalidez, o singelo colar da Ordem Terceira. Entre dois braços, é como o painel do crime — a Tia e a Sobrinha —, a vingança à posteridade, memorada na grossa dádiva em sufrágio, por a pobre da menina, vítima da sua opulência e formosura às garras de parentes ambiciosos, haver sido morta a tiros de zagalote, com estúpida maldade, quasi ao romper de certa manhã de primavera, quando recolhia do baile, dado em honra da sua apresentação à sociedade elegante, em casa dos nobres Condes, onde talvez seu coração escolhera o noivo, dentro da sege armoria-

Hora legal

O «Diário do Govêrno», de 29 de Março p. p., publicou o Decreto seguinte: «Art.º 1.º — A hora legal no continente da República será adiantada de sessenta minutos no dia 7 de Abril próximo, às vinte e três horas, até às vinte e quatro horas do dia 6 de Outubro do corrente ano, em que volta à normalidade.

Art.º 2.º — Pela hora legal serão regulados todos os serviços públicos e particulares.»

Como se vê, o decreto acima contém, apenas, dois artigos. O primeiro estabelece o prazo durante o qual se conserva alterada a hora; o segundo determina que todos os serviços públicos e particulares estejam sujeitos às disposições contidas no referido Decreto. Não há, pois, que hesitar sobre o cumprimento do que acaba de ser determinado pelos Poderes Públicos, o que não se tem verificado de outras vezes que a hora tem sido alterada, facto que só tem causado grandes confusões.

Não está certo, por exemplo, que na indústria não se adopte a hora legal, circunstância que ocasiona embaraços de toda a espécie. Não chego, mesmo, a compreender qual o alcance da continuação dos serviços particulares pela chamada *hora velha*. Mas, seja como for, não há o direito de só os serviços públicos cumprirem o que é determinado superiormente, quando a mesma obrigação é também atribuída aos de carácter particular. Além disso, estes serviços são obrigados a ter o seu horário, do qual conste a hora de entrada para o serviço, a hora da refeição e descanso, a hora de saída, etc., etc.

Este horário, já organizado de harmonia com a lei em vigor, tem o «visto» da Autoridade Administrativa, autenticado com o *sêlo branco* da respectiva Repartição. Portanto, se a hora de entrada era às 8, continuará a ser às mesmas 8, outro tanto sucedendo com o resto. Fazer o contrário é não respeitar a lei, contra o que as Autoridades competentes têm de proceder para manterem o prestígio do cargo que exercem.

Lá dizia o sapateiro de Braga: «ou haja moralidade ou comámos todos». De resto, não há necessidade de se falar em *hora velha* ou *hora nova*, porque, neste caso, pode haver quem se lembre de falar em *hora... bolas*. Se há ou não há vantagem na alteração da hora a partir de hoje, dia 8, até ao dia 6 de Outubro, não sou eu quem o diz. O que me inte-

Aos valorosos componentes do VITÓRIA

Rapazes:

Na luta heróica que hoje ides travar, na rude prova a que ides ser sujeitos, antes dela e durante ela, não esqueçais esta palavra sacrosanta: — GUIMARÃIS!

Recordando-a, lutareis com mais fé e galhardia.

E' esta, sem dívida, a mais dura prova para a vossa ascensão à glória de campeões distritais. Por isso mesmo precisais chamar a vós tôdas as vossas preciosas energias, aliadas a uma serena e necessária presença de espirito.

Se assim fizerdes, convencidos ficamos de que saireis do Campo dos Peões cobertos de louros, fazendo tremular ao vento da vitória a bandeira do vosso querido Club enlaçada ao pendão venerando da vossa veneranda Guimarães.

E' isso o que esperamos e é isso que esperam todos os vimaranenses que têm os olhos postos na vossa pujante mocidade, na vossa comprovada bravura e valentia.

BELGATOUR.

ressa dizer, no caso presente, é que a hora legal principia hoje e que todos os serviços, quer públicos, quer particulares, não têm outra. E' necessário acabar-se, de uma vez para sempre, com a relutância que certas pessoas têm de mexer nos ponteiros do relógio e de alterar a hora dos seus serviços, simplesmente porque assim o determina um Decreto da República. Os que assim procedem, isto é, os que ainda *alimentam* essa relutância, podem ser muito conservadores das suas *tradições*, mas não são cumpridores das leis promulga-

das por quem de direito. Verifica-se, dêste modo, um *conservantismo* oposto às determinações de outro. E' um paradoxo que, como qualquer outro, não tem razão de ser.

Se for errada a minha opinião, quanto ao que acabo de expôr, desde já dou as mãos à palmatória e, então, serei obrigado a concordar com a *dança da hora*: Ora agora vira a velha, ora agora vira a nova.

Ora agora viram ambas, vira a velha e mais a nova.

RAMO.

da, com seu célebre vestido côr de rosa, fechado a pérolas. Logo ao lado, a cara fresca e redonda, glabra, de velho mercador nos segue obstinado com o olhar maroto, a caixa de rapé na mão direita, a pitada entre dois dedos peludos da esquerda, uma sabedoria feita de realidades transcendendo as místicas filosofias, silencioso e escarminho na morte como na vida. Julgamos ouvir-lhe ainda o ser vor manhoso e imperturbável — o espaço de congeminção em que os negócios se tramam, se multiplica e divide, se tiram as provas e as contraprovas —, e fugimos-lhe e evitamos-lhe o olhar antes que desate o espirito em gargalhada de sua obscena sarcástica, viva e pronta como resposta lapidar em monossilabos. Uma velhinha, vestida de burel, com grosseira mantilha de rude lã, rosário ao pescôço, rosário à cinta, rosário nas mãos, vai esfiando as contas, como as das lentas horas dos longos dias dos muitos anos, que passou a vender e a esmolar, às portas das igrejas, terços bentos e milagrosos escapulários, e assim, a comer a boroa da fome, a beber a água da chuva, a dormir nos alpendres e estábulos, migalha a migalha da sua miséria foi apenando para, na hora da morte, ligeira como a do passarinho, deixar algumas enxergas aos doentes e boas sôpas quentes aos entrêvados. Já êste largo sacerdote espadaúdo, de volta e roquete, ensétando o olhar brusco por detrás dos óculos redondos, se assoberba magnífico ao apresentar como testamento de sua derradeira vontade, em gesto forte e rompante, o envelope fechado e lacrado a cinco pingos enormes e chapados, no quero, posso, disponho e mando. E' como esta senhora, inteiriça e magra, da palidez rosada e dulçorosa das velhas virgindades incontaminadas, mas ainda linda no ar fresco e loução dos seus cabelos brancos, que nos aponta, sobre o pano de veludo da mesa, dois alios castelos de libras em oiro, de cavalinho, contadas uma a uma, e, por quem nunca amanheceu desejos de um dia que não fôsse igual ao de ontem, de feriado que não fôsse de trabalho ou devoção, de palavra mais alta, ou de suspiro mais forte — estrigas de roca, meadas de dobadoira.

(C.)

EDUARDO D'ALMEIDA.

As minhas impressões

X L I I I

Caro amigo:

Como sei que não deixas de ler o «Notícias de Guimarães», onde um dos seus colaboradores, o sr. A. L. de Carvalho, apreciou o parecer da Comissão de Revisão de Projectos e Orçamentos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, sobre a conclusão do novo edifício dos Paços do Concelho, julguei desnecessário falar-te do caso. Não foi, pois, outro o motivo do meu silêncio. Quanto à minha opinião, dizia-te em duas palavras, se várias circunstâncias não me obrigassem a ser prudente. Assim, meu caro amigo, só posso dizer-te que são muitíssimas as pessoas que discordam da não conclusão do referido edifício, cujo projecto é da autoria do distinto Arquitecto, sr. Marques da Silva, mandado elaborar pela última Vereação Municipal da presidência do muito digno vimezanense, sr. Dr. Mariano Felgueiras. Em face disto, tirarás as conclusões que entenderes, porque eu nada mais posso adiantar. Devo, ainda, informar-te de que o Município já gastou muitas centenas de contos com a obra de pedreiro, que ainda continua, pelo menos com um operário, segundo me informam. E deixando este assunto, vamos a outro, o mais importante que se verificou no dia 31 do mês findo, e que foi o seguinte: Em Guimarães, assim como em outras terras, é de costume, após a hora da Aleluia, *queimar* o Judas, que, antecipadamente, faz as suas disposições testamentárias. Assim sucedeu este ano, mas muita gente ficou surpreendida por não desaparecer um Judas de *carne e osso* — visto que havia onde escolher — em vez de um Judas *boneco*. E' nisto que consiste a importância do caso, tal foi a contrariedade daquelas pessoas que supunham ser verdadeira a versão que corria pela cidade de que, este ano, ia ser executado um Judas verdadeiro. Mas, afinal, antes assim, porque, por mais um ou menos um, mais vale que todos continuem a ter vida e saúde. O joio também se encontra entre o trigo, mas este vai resistindo...

Com isto, abraça-te o

Teu am.º velho

Guimarães, 4-IV-934.

Miora.

Exumações do Passado

(Quadros sinópticos da História Vimezanense)

I X

Condes e duques de Guimarães

Condes

A origem do título de conde é muito remota pois deriva dos povos bárbaros, entre os quais significava companheiro.

Porém em Portugal o seu início procede dos *ricos homens* que tinham por dever acompanhar os reis à guerra e só usavam este título as pessoas de alta linhagem. Os ricos homens usavam por divisa o *pendão* e a *caldeira*. O primeiro representava o poder de levantar gente para os acompanhar nas empresas militares e a segunda mostrava que eram poderosos e possuíam meios para sustentarem seus vassallos.

Não obstante nós vemos em documentos antigos referências aos *ricos homens*, contudo foi título que pouco vigorou entre nós.

O primeiro conde que houve em Portugal foi criado por D. Diniz em 1298, na pessoa de D. João Afonso Telo de Menezes, segundo *carta aberta e de selo pendente*, passada a 8 de Março, em Santarém, em que lhe dava o título de conde de Barcelos, com o seu senhorio e termo.

Filho de D. Rodrigo Anes e de D. Teresa Martins, viera de Castela para Portugal em Dezembro de 1295 por causa da revolta que travara com Sancho IV, de Castela, o *Bravo*, e que tendo sido prêso, salvou a vida pela intercedência de sua prima, D. Maria de Molina, esposa do mesmo rei.

Este título manteve-se sempre em Barcelos e foi o único até reinar D. Fernando que criou os de Ourém, Arraiolos, Viana, Neiva e Seia.

E' verdade que antes do de Barcelos, já o dito título cá existia no Conde D. Henrique, que era conde soberano do território que lhe fôra confiado, mas como Portugal não era ainda independente da suserania do rei castelhano, eis o motivo porque não

nos referimos a êle como o mais antigo, pois, se assim não fôsse, teríamos de considerar ou admitir como mais antigo conde de Portugal, o de Bragança, D. Peleio, que figura com mais três condes de localidades espanholas, numa doação, feita pelo rei Afonso Magno, à igreja de S. Tiago, Apóstolo. Ora, Portugal nesse tempo, ainda estava englobado na Espanha, ainda não era nação, portanto nenhuma razão nos assiste para não considerarmos o de Barcelos como o primeiro conde português.

Os condes tinham duas categorias: os *vitalícios* ou *hereditários* e os *temporários*, também conhecidos por *de jure* e *de vita*.

Condes vitalícios, hereditários ou *de jure* houve muito poucos. Estes usavam logo o título após a morte do antecessor. O herdeiro do falecido ou seu sucessor escrevia ao rei participando-lhe a morte do pai e assinava-se já com o novo título. O rei respondia-lhe tratando-o por essa designação, o que valia como confirmação do título.

Os condes temporários ou *de vita* recebiam a nomeação directamente do rei em documento oficial, que caducava, é claro, com a morte do agraciado e portanto aquele que a comunicava, na qualidade de parente, assinava só com o seu nome próprio. O rei na resposta é que lhe dava o tratamento com o título ou não, sendo depois passado o documento autêntico respectivo.

Quando se proclamou a República, um dos condes mais antigos era o de Arganil dado aos bispos de Coimbra, na pessoa de D. João Galvão, em Setembro de 1472, por D. Afonso V, que foi quem criou o título. Este prelado quando foi agraciado com aquele título, já havia 48 dias que usava o de Santa Comba. Os bispos de Coimbra, além daquele, tinham os títulos de Senhor de Coja e morgado de Avô.

O primeiro e único conde que houve em tempos longínquos em Guimarães foi D. Fernando II, 2.º marquês de Vila Viçosa, 4.º conde de Arraiolos e Neiva e 11.º de Barcelos. Era filho do 2.º duque de Bragança, D. Fernando I e de sua mulher, D. Joana de Castro.

Pouco tempo usou deste título que foi absorvido pelo de duque da mesma então vila, visto já ser também duque 3.º de Bragança.

Temos conhecimento só de dois documentos em que lhe é dado o título de conde. O 1.º é uma carta, datada de 22 de Setembro de 1463, passada por um tabelião de Guimarães, em nome do *senhor conde de Guimarães*, e o 2.º é uma outra carta, datada de 29 do mesmo mês e ano, em que manda pagar ao *senhor conde de Guimarães, D. Fernando*, sobrinho de el-rei, desde 1 de Janeiro que passara a quantia de tresentos mil reis brancos, do seu assentamento.

Portanto, sendo êle agraciado, como foi, no ano de 1470, com o alto título de duque, como mais adiante veremos, segue-se que foi conde uns 7 anos, pouco mais ou menos.

Aquele título de conde passou para a Corôa e a casa real parece que continuou a usá-lo, pois já vimos dar ao falecido D. Carlos o de 21.º conde de Guimarães.

Afonso V distinguiu D. Fernando II com muitas mercês, pois depois de lhe ter outorgado, em Janeiro de 1453, a ilha do Córvo, como seu donatário, não sendo ela ainda povoada, pois tinha sido descoberta um ano antes, concedendo-lhe o monopólio do fabrico da sêda nas comarcas de Traz-os-Montes e Beiras, proibindo que a vendessem tecida.

Continua.

P.º ALBERTO GONÇALVES.

Casa — Compra-se, que seja bem situada. Ourivesaria Sousa.

Criticas pequeninas

«A Pedra Formosa»

Em esmeradíssima edição e em formosa separata da *Brotéria*, saiu agora à luz pública um interessante estudo de Mário Cardozo sobre a interpretação do grande monumento da Citânia de Briteiros.

A *Pedra Formosa* de velhos tempos e a sua congénere de 1930. Ano do surpreendente aparecimento.

A incansável dedicação do illustre Presidente da nossa S. M. S., apesar de tantas canseiras que a absorvem, ainda encontrou uns momentos para honrar a grande revista cultural com um trabalho marcadamente nobilitante.

Vê-se ali tôda a história da *Pedra Formosa* e quantas lucubrações ela tem exigido a cérebros nacionais e estrangeiros.

A preciosa separata é ilustrada com uma fôlha que junta às nossas *Pedras* a estela-casa que Santa-Olalla nos ofereceu. Esta, com duas vistas, de frente e em perspectiva. Parecem dous retratos de uma veneranda tetravó com a nêtinha escondida nas suas costas, em duas posições garotas, mas lindas.

Assim vemos que o labor de Mário Cardozo a dentro da nossa *Sociedade* continua a ser frutífero sempre e omnimodamente digno de apreço.

«A Odisseia»

Aquele incansável obreiro das Letras que se chama João de Barros, o Poeta do *Anteu* e de tantas obras lindas, o Prosador fluente de tão variados trabalhos, o feliz Vulgarizador dos *Lusitadas*, adaptou ultimamente à sua bela prosa *A Odisseia de Homero*.

Alto serviço prestou à nossa curiosidade e à nossa admiração pela Grécia sempre viva no seu cunho de Originalidade e de Grandeza.

Para quem não pense em penetrar os formidáveis segredos da língua da Hélade, é bem grato relembrar assim as figuras de Mentor e Tântalo e Sísifo e Aquiles e da nau Argo e do fiel Árgus e das Sereias irresistíveis e de tanta beleza que a imaginação grega nos oferece. O Amor da Pátria e da Família resplendem fulgidamente no poema querido.

O problema da existência de Homero é versado em linhas bastantes.

O Dr. João de Barros juntou à grande coroa da sua glória mais uma flor de imarcescível perfume.

A edição, da Casa *Sá da Costa*, é simplesmente formosa.

Mas, como tôda a formosa tem seu senão, o leitor poderá abortecer-se de encontrar sete vezes a mísera forma *veiu*.

Bagatelas gráficas...

«Limianas»

António Ferreira, o vate preclaro das *Horacianas* confiou à casa portuense *Companhia Portuguesa Editora* a publicação das suas *Limianas*.

Mais formosa edição merecia o precioso volume.

Parnasianista acentuado, regionalista fervente, António Ferreira tange uma lira bem sonora, modulando o verso com muita cadência e com muita elegância e com muita mestria.

A região limiana dá à sua aparatosa pena assunto que farte para deixar expandir-se o alevantado estro da sua inspiração.

E o poeta em todos os temas que vai celebrando revela os seus altos dotes de percepção e sentimento.

Como os assuntos penetram por vezes nas sombras da História, o Autor dá ao fim do volume preciosas notas de erudição bem cabida e ajustada.

O Poeta sabe muito bem ver-sejar, e assim causa estranheza

poderem fazer-se os seguintes reparos:—

Na página 47 onde se lê

A su' écloga começa,
como na pág. 51 onde vemos
Vai entregar a su'alma
e na pág. 76 que nos diz

Eu lhe dava o bafo da minh'alma,
nota-se a supressão de um *a* que todos fazemos sem necessidade de apóstrofo.

Na pág. 82 o lindo verso

Aquilo que o silêncio quer' dizer
não precisava de elidir o *e*. As formas *quer* e *quere* são ambas legítimas. Nós, os nortenhos, dizemos:— Senhor Dantas, afinal aqui está ainda a rosca. Quê-la, ou não?

Os ribatejanos diriam:— Quere-a, ou não?

E o sr. Dantas comia-a tôda e não dava à gente.

G.

Continuando a depenicar

Antes de mais nada, os meus agradecimentos ao prezado amigo «Bandarilheiro», por haver tomado em consideração o meu humilde *pio*. Excelente camarada e também acérrimo defensor do progresso de Guimarães, as suas gazetilhas são, indiscutivelmente, a parte mais interessante da colaboração do «Notícias», porque nelas se aprecia o *engenho* e a *arte* dum verdadeiro poeta. Portanto, os meus agradecimentos, os meus parabéns e os meus votos para que continue a deliciar, com os seus elegantes versos, os leitores do N. de G.

A respeito do *casebre*, tudo como dantes!!!... Mas até quando? A ver vamos.

* * *

Voltando, ainda, aos *secadouros*, tenho mais a dizer, em aditamento ao que disse, ultimamente, sobre o assunto, que é uma pouca vergonha o que se vê, neste género, nas principais ruas da cidade. Agora, que me tenho dado ao cuidado de ver o que se passa, cheguei a convencer-me de que em algumas casas se faz a *barrela* na sala de visitas, a última lavagem na cozinha, passando o *secadouro* para as sacadas da sala de jantar. Quanto a *coradouro*, deve ser nas trazeiras dos respectivos prédios, para evitar a atenção do público, como sucede nos *coradouros* do largo de S. Francisco, Campo da Feira, etc. Se não fôsse este receio, era muito provável que até os passeios fôssem utilizados!...

Eu não sei explicar o motivo por que algumas pessoas não têm em consideração a repugnância que deviam ter por actos desta natureza, que apenas servem para vexar e deprimir o bom nome que os antepassados legaram a esta terra. Mas, uma vez que essa repugnância não existe, cumpre, a quem de direito, fazer respeitar o que está previsto no Código de Posturas e que, independentemente da lei, é aconselhado pelo bom senso.

Assim deve ser, para que todos os vimezanenses tenham a autoridade necessária para repeller quaisquer factos que possam atingir a sua dignidade. Aguardando, pois, as providências que a justiça aconselha, faço votos para que as sacadas dos prédios da cidade deixem de ser destinadas ao fim a que me acabo de referir. Quando assim não aconteça, terei o trabalho de organizar um *livro negro* com os números das habitações onde estejam os tais *secadouros*.

Pipi.

LUSO:

Calçado para senhora da fábrica portuense, em modelos de alta novidade, em exposição hoje, domingo, na SAPATARIA LUSO.

Visado pela Comissão de Censura.

Crónica de Desporto

Futebol

Após uma superior exibição, o Carcavelinhos venceu o Vitória por 4-2.

O grupo vimezanense conseguiu um resultado lisonjeiro, que não o decepcionou.

No domingo de Páscoa, visitou-nos, a convite do Vitória, a excelente equipe do Carcavelinhos F. C., agrupamento de destaque no meio desportivo da Capital, e que no campeonato lisboeta se encontra à frente da classificação juntamente com o Belenenses.

Por tal motivo a vinda do Carcavelinhos a Guimarães, era aguardada com ansiedade, não só por ser o primeiro grupo de Lisboa que visitava Guimarães, como também pelo seu valor, que nos deixou as melhores impressões.

Fomos um dos que dissemos que a vinda do Carcavelinhos a Guimarães iria constituir um grandioso acontecimento para o desporto vimezanense, que muito o deveria engrandecer.

E parece-nos que com esta afirmação não nos enganamos.

Conforme noutro lugar refere este jornal, a vetusta e sempre hospitaleira cidade de Guimarães, esteve no passado domingo em festa, e os desportistas vimezanenses e mesmo aqueles que não pertencem à «afficion» da bola, associaram-se à manifestação que foi prestada à embaixada lisboeta, demonstrando assim, insofismavelmente, as velhas tradições que sempre foi timbre do bom povo da nossa gloriosíssima cidade.

O ENCONTRO

Com uma regular concorrência de público, iniciou-se o encontro Vitória-Carcavelinhos que era aguardado com viva ansiedade.

A valorosa equipe lisboeta, que se deslocou integrada de todos os seus elementos, realizando uma exibição onde evidenciou a sua melhor superioridade, vencendo o Vitória pelo merecido e justo «score» de 4-2.

O 1.º tempo terminou com o resultado de 1-0 a favor do Carcavelinhos, «goal» marcado nos últimos minutos, tendo decorrido com um domínio mais acentuado a seu favor.

Os rapazes do Vitória aguentaram-se bem, e nunca deixaram de inquietar as redes de Francisco Lopes.

O Carcavelinhos depressa assentou o jôgo, e apertou sempre com frequência as redes de Ricoca, que em brilhantes defesas evidenciou a sua classe.

De parte a parte perderam-se algumas ocasiões de marcar.

No 2.º tempo fizeram-se 5 «goals»

Após os minutos regulamentares de descanso, iniciou-se o segundo tempo.

Havia decorrido um minuto de jôgo, quando o Vitória conseguiu, por intermédio de Faria, marcar o «goal» de empate.

O público surpreendido com a proeza inesperada dos rapazes do Vitória, aplaudiu com entusiasmo, incitando-os.

Nota-se que os jogadores vimezanenses tendem para um ritmo certo de jôgo, saindo-se com uma actuação bastante agradável, impressionando bem a numerosa assistência.

A defesa do Carcavelinhos, emprega-se com energia para desfazer os ataques do Vitória.

Os dianteiros vimezanenses insistem no ataque, e Virgílio, com um grande remate enviado, consegue bater, sem defesa possível, Francisco Lopes, obtendo o 2.º «goal», colocando o Vitória em vencedor.

O entusiasmo do público redobrou, ovacionando os rapazes do Vitória, que dão a perceber uma melhoria de jôgo, fazendo grande reacção.

O Carcavelinhos surpreendido com o resultado, modifica a sua formação, e não se deixa dominar, exibindo-se com uma técnica mais consistente.

Os seus dianteiros bem apoiados pela linha intermediária, fazem ataques de grande vivacidade esticando as jogadas até às redes de Ricoca.

A defesa do Vitória, deixa-se bater, chegando algumas vezes a tomar-se de indecisão e perplexidade, ante a rapidez e deslocação instantânea do jôgo feito pelo adversário, que tira partido da sua grande e fácil mobilidade.

Dentro dum curto espaço de tempo o Carcavelinhos, obtinha o merecido e justo prémio da sua actuação, fazendo subir o marcador para si, com 3 «goals», que lhe ditaram o triunfo.

A defesa do Vitória, ante a fogaçidade e a primorosa urdidura do seu adversário, desnorteia visivelmente, mas os dianteiros vimezanenses não deixam de assediá-lo as redes de Francisco Lopes, obrigando-o a intervir, nalgumas defesas apertadas.

O jôgo mantém-se equilibrado, desenrolando-se jogadas num e noutro campo, sem qualquer resultado, e o jôgo terminou com a vitória do Carcavelinhos.

Oliveira e Silva, Quirino e Artur Esteves, foram os autores dos «goals» do seu grupo. Faria e Virgílio, os do Vitória.

A arbitragem a cargo do distinto árbitro portuense, sr. António Neves, excelente, conduzindo-se com impecável imparcialidade. — Os grupos tinham as seguintes formações:

Carcavelinhos: — Francisco Lopes, Justo Pinho e Alexandre de Almeida; Marques Pereira, Manuel Rita e Gaspar Pinto; Américo Valente, Artur Esteves, Quirino, Oliveira e Silva e Alvaro de Sousa.

Vitória: — Ricoca, Paredes e Fer-

reira; Freitas, Laureta e Mário; Fonseca, (depois Mota), Lameiras, Faria, Vergílio e Bravo.

Realiza-se, hoje, o segundo encontro Vitória-Sporting, de Braga, para apuramento do Campião Distrital

Realiza-se, hoje, na vizinha cidade de Braga, o encontro de segunda mão para apuramento do campião distrital. Estamos no dia dum novo jogo, entre os dois velhos rivais, Vitória-Sporting, jogo que envolve mais uma vez a atenção dos desportistas do distrito, como também toda a população desportiva do Norte do país.

Hoje, o entusiasmo dos desportistas vimezanenses, sobe mais alto, porque se disputa um jogo em que a equipe vimezanense, aureolada com a vitória que conquistou no domingo, de 25 de Março, terá melhores condições para alcançar o desejado título de campião distrital.

Sabemos avaliar as dificuldades que no difícil encontro de hoje poderão surgir para os rapazes vimezanenses. O Sporting de Braga vai dar tudo quanto puder, na defesa da sua aspiração.

E' difícil vaticinar o resultado do encontro, pois ambos os grupos conjungam um valor aproximadamente igual.

No onze vimezanense encontra-se em todos os seus sectores, mais fogueira do que no grupo bracarense. No encontro, realizado há 15 dias, o grupo vimezanense disfrutou, em todo o decorrer do encontro, maior superioridade, quer tecnicamente, quer territorialmente, obtendo um resultado que não traduz com o desenrolar do encontro nem com a sua melhor actuação.

No encontro de hoje, poder-se-á dar um *volte face*, o que não nos surpreenderá, se atendermos que nestas lutas do *choot* tudo é possível...

Mas em desporto é sempre possível ganhar, e por isso devemos de cercar com entusiasmo e confiança os bravos rapazes do Vitória, dando-lhes o necessário apoio moral, apelando-se para o brio de quem tão brioso tem sido tantas vezes, e esperar confiadamente na indomita energia, na forte coragem desse punhado de rapazes vimezanenses, que no memorável encontro de hoje são capazes de patentear, em procura da sua legítima aspiração — o título de campião distrital.

Indispensável se torna que todos acompanhemos o «onze» vimezanense, rodeando-o, no campo dos Peões, para o incitar nos momentos que se tornem mais difíceis, gritando-lhe e assegurando-lhe a confiança que todos os desportistas vimezanenses depositam nele.

BOURBON DO AMARAL.

V. Ex.ª deseja uma perfeita beleza? Tem NALLY, na Casa das Gravatas.

TOURAL

Com este título tão popular, tão sintético e tão sugestivo, vai o nosso jornal publicar um folheto.

Não é obra de novela ou drama, tragédia ou comédia. E' apenas, e melhor que tudo isso para o conhecimento da terra em que vivemos, um trabalho de rebusca histórica de tudo quanto se relaciona com a vida antiga desse rossião tão celebrado que se chamou tão singularmente — *Toural*.

Monografia impressionante, movimentada, curiosa, ela dar-nos-á no *ecran* dum folheto semanal, aspectos, notas e factos de um *Toural* setecentista. — *Toural* que os nossos conterrâneos de antanho viveram e de que alguns de hoje vagamente ouviram descrever em episódios isolados, motivo porque a esses mesmos deve interessar a leitura do folheto *Toural*, porquanto, as transformações e as ocorrências que dentro do folheto decorrem, têm principio, meio e fim, e aquele encanto próprio das narrativas.

Obra de coordenação histórica, com base, com verdade, com sequência, o folheto *Toural* dar-nos-á os acontecimentos da vida de um povoado, aqueles acontecimentos que mais prenderam o seu entusiasmo, a sua fé, o seu civismo, a sua galhardia, a sua rádio actividade, e que eclodiram, e que estuaram no seu rossião principal em épocas extintas.

O folheto *Toural* vai, pois, fazer a renascença do velho *Toural*, do *Toural* que dorme nos livros das *Verações*, nos livros das *Provisões*, nos livros dos nossos arquivos da Colegiada e do Município, e que as mãos beneméritas de João Lopes de Faria, Abade de Tágilde, João de Meira, Eduardo de Almeida, Alberto Braga e mais modestamente o autor do folheto, manusearam, rebuscaram, consultaram.

No próximo número, portanto, começaremos a publicação do folheto *Toural*, convencidos de oferecermos aos nossos leitores uma leitura com um pouco de literatura, um pouco de história, um pouco de *cinematografia*, o que por certo lhes deve merecer também — um pouco de interesse.

SÓCIO

Com a cota de 100 contos para fábrica de tecidos.

Informa: J. M. GUIMARÃIS. Rua de Gil Vicente, 71 — Guimarães.

No Grémio do Minho

Importantes deliberações de acção regionalista tomadas na reunião dos seus corpos dirigentes

Como foi anunciado, reuniram-se na sede do Grémio do Minho o seu Conselho Provincial, os presidentes e secretários das Secções de Estudo do mesmo Conselho, com os presidentes da Direcção, da Assembleia Geral e do Conselho Fiscal, para apreciarem o plano de realização do Congresso Regional e da acção regionalista a expandir na Província, sob a presidência do Presidente da Comissão Central, sr. General Norton de Matos.

Largamente debatidas as modalidades que o Congresso Regional poderia assumir para o melhor estudo dos problemas da Província de Entre-Douro-e-Minho, e bem assim a preferência do local onde o Congresso deveria ser realizado, em relação com as finalidades do Grémio do Minho como defensor dos interesses provinciais e com a sua valorização perante os poderes públicos, foi deliberado que o mesmo Congresso se realizasse em Lisboa, no corrente ano, em mês que oportunamente será designado, com o concurso de todos os valores provinciais, tanto os residentes e existentes nesta capital como na Província.

Para o Congresso serão chamados representantes de todos os Concelhos e Distritos, das Associações Culturais e Económicas, e das Comissões de Iniciação, a fim de que nelles possam ser traduzidas, com eficiência e precisão, as aspirações e reclamações privativas das diversas circunscrições e serviços públicos e particulares, de toda a região.

Foram logo encaradas as formas de praticamente ser levada a cabo essa grande reunião das forças provinciais, com inteira subordinação ao interesse nacional, e com a participação dos núcleos regionais das colónias e do Brasil.

O sr. Brigadeiro Silveira e Castro declarou aceitar o voto unânime da Assembleia, confirmando o convite que lhe tinha sido dirigido para assumir a presidência da Comissão, da Exposição de Mostuários, e ficou deliberado que na próxima semana a mesma Comissão se reúna sob a sua direcção para ordenar os elementos e adesões dos industriais da Província já recolhidos para a referida Exposição.

Foi igualmente deliberado que se procedesse aos trabalhos necessários para a publicação do Boletim do Grémio como órgão de acção regionalista de Entre-Douro-e-Minho e instrumento da sua propaganda.

Após as férias da Páscoa reunirá a Comissão Central do Congresso para elaborar o plano das teses e das conferências preparatórias daquela grande Assembleia.

Desta importante reunião saiu também a resolução de se comemorar o XI aniversário desta colectividade, de harmonia com o programa traçado pela sua Direcção e do qual em breve será dado público conhecimento.

O relevo e importância desta magna reunião produziram o maior entusiasmo em todos os assistentes, sendo as deliberações tomadas logo comunicadas a todos os núcleos da Província.

MINERVA

Nova marca de calçado mecânico para homem, à venda na SAPATARIA LUSO e em exposição hoje, domingo.

Casa dos Pobres

Para a sustentação da «Casa dos Pobres» subscreveram já, com donativos mensais, os seguintes srs.:

- João Martins de Freitas, 30\$000;
- Amadeu Miranda, 20\$000;
- D. Maria Ana e D. Henriqueta de Melo Sampaio (Pombeiro), 50\$000;
- Francisco Lopes Martins, 10\$000;
- Joaquim da Silva Xavier, 10\$000;
- Eduardo Torcato Ribeiro, 20\$000;
- D. Alda Alijó de Lima, 5\$000;
- José Teixeira de Carvalho Júnior, 6\$000;
- Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª Sucs., 30\$000;
- António José de Araújo, 12\$000;
- Afonso Mendes, 10\$000;
- Francisco Martins Fernandes Júnior, 12\$000;
- Costa & Irmão, Limitada, 10\$000;
- José Salgado, 10\$000;
- Cândido José de Carvalho, F.ª & C.ª, 50\$000;
- Simão Costa, 7\$500;
- José António Rodrigues Garcia, 10\$000;
- D. Maria Ludovina Ferreira, 5\$000;
- Dr. Augusto José Domingues de Araújo, 20\$000;
- Bernadino Jordão, F.ª & C.ª, 100\$000;
- Guilhermino A. Barreira, 5\$000;
- Domingos Alves Ferreira, 6\$000;
- José Ribeiro de Freitas, 10\$000;
- José Mendes de Oliveira, 60\$000;
- Manuel Simões Sobral, 10\$000;
- Joaquim de Sousa Pinto, 20\$000;
- Francisco Teixeira Mendes, 10\$000;
- Heitor Campos, 10\$000;
- Manuel Pereira Bastos, 30\$000;
- José Maria Leite, 15\$000;
- José Joaquim Guedes Gomes, 15\$000;
- José Francisco dos Santos, 5\$000;
- Amadeu C. Penafort, 20\$000;
- José Jacinto Júnior, 40\$000;
- Joaquim de Azevedo, 10\$000;
- António de Oliveira, 20\$000;
- Angélica Baptista Vieira de Faria, 5\$000;
- L. Oliveira & C.ª, 15\$000;
- José Soares Barbosa de Oliveira, 10\$000;
- José Martins Fernandes, 5\$000;
- Manuel Alves Machado, 10\$000;
- Dr. Fernando Aires, 10\$000;
- Confeitaria e Leitaria Vitória, 5\$000;
- João Maria

dos Santos, 10\$000;
- Joaquim Ribeiro da Silva, 25\$000;
- Bento dos Santos Costa, Sucs. I.ª, 100\$000;
- José Fernandes Martins, 10\$000;
- Alberto Carlos Abreu, 20\$000;
- José da Costa Magalhães, 5\$000;
- Manuel da Cunha Machado, 5\$000;
- José Leite Dias Machado, 5\$000.

Nomes dos subscretores que contribuíram, por uma só vez, para a instalação da «Casa dos Pobres»:

Da Viúva e Filhos de Simão da Costa Guimarães, 100\$000;
- D. Luiza Cardoso de Macedo M. de Menezes, 100\$000;
- Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, várias fazendas no valor de Esc. 712\$000;
- Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra L.ª, 3 dúzias de toalhas felpudas para rôsto.

Vendem-se três propriedades com casas e terras lavradias e de mato, no lugar do Castanheiro, freguesia de Creixomil, à margem das estradas de Guimarães ao Pôrto e de Guimarães a Santo Amaro. Pagam 6 e meio carros de medidas e vinho correspondente, além do rendimento dos prédios urbanos.

Para tratar com o sr. Alberto Costa ou solicitador Pimenta. Convidam-se tôdas as pessoas que se julguem credoras da falecida Joana Ribeiro, que foi do referido lugar e freguesia, a apresentarem as suas contas dentro de 8 dias, a contar de 24 de Março de 1934, aos referidos srs. Costa ou Pimenta.

Ecoss da Semana

Vice-Consul de Verim — Tem estado nesta cidade o nosso conterrâneo, sr. Tomaz Rocha dos Santos, distinto Vice-Consul de Verim.

9 de Abril — Amanhã, celebrar-se-á, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, uma missa por alma dos combatentes mortos no Campo da Batalha.

Grupos de meninas, percorreram ontem e voltarão a percorrer amanhã as ruas da cidade, fazendo a venda do capacete — miniatura — em comemoração do 9 de Abril.

Regionalismo — O diário da capital «A Voz» dedica, hoje, a Guimarães, um número especial, o qual será colaborado por diversas individualidades.

Novo horário dos combóios — O novo horário dos combóios, da Companhia do Norte, está causando grandes prejuízos, principalmente ao comércio local, por motivo das distribuições do correio serem feitas muito tarde.

Os jornais do Pôrto, também, só chegam a esta cidade por volta do meio dia.

Juntamos o nosso protesto ao do público e esperamos que o horário seja de novo estabelecido de harmonia com as necessidades do comércio e do público.

Próximos casamentos — Pela ex.ª sr.ª D. Custódia Amélia Ribeiro de Faria Martins, que se fazia acompanhar de seu filho, o inteligente advogado sr. dr. João Faria Martins, foi ontem pedida em casamento, para seu filho, o nosso amigo sr. José Faria Martins, a ex.ª sr.ª D. Nídia Pacheco, filha do importante industrial bracarense sr. José Rodrigues Pacheco e de sua esposa, a ex.ª sr.ª D. Maria Rodrigues Pacheco.

Dizem-nos que a noiva é uma senhora muito distinta e dotada das melhores qualidades de espírito e de educação, que hão-de tornar feliz o novo lar.

O noivo alia aos seus raros dotes de actividade, os mais bellos sentimentos, que o tornam muito estimado no nosso meio. Desejamos-lhes, desde já, as nossas felicidades.

— O conceituado negociante local, sr. João Baptista de Sousa e sua esposa a ex.ª sr.ª D. Leo-

A visita do Carcavelinhos

Visitou-nos, no passado domingo, o valoroso agrupamento desportivo da capital «Carcavelinhos Futebol Club», a quem o povo de Guimarães recebeu com uma carinhosa e entusiástica recepção, tendo comparecido na estação do caminho de ferro uma grande multidão de pessoas e uma banda de música que aclamou pelas ruas da cidade, os desportistas lisboetas.

Na sede do Vitória teve lugar a sessão de boas-vindas, tendo falado, com muito brilho, os srs. dr. José Pinto Rodrigues, da direcção do Club vimezanense, e Jaime Franco, director do grupo visitante.

Este sr. mostrou-se sensibilizado com a grande manifestação feita ao seu Club, por lhe terem afirmado que Guimarães não sabia receber condignamente a sua embaixada.

Não foi, porém, apenas essa grande manifestação mas, também, tôdas as provas de hospitalidade com que os vimezanenses o distinguiram, e aos seus camaradas, durante a sua estada em Guimarães.

A nossa terra honrou, assim, mais uma vez, as suas gloriosas tradições de bem receber.

Notícias pessoais

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo, sr. Guilherme de Menezes, do Pico de Regalados.

— Em consequência duma queda, tem passado incomodada a esposa do sr. António Pimenta.

— Também tem estado incomodado o nosso amigo e hábil armador, sr. Joaquim Eugénio.

— Encontra-se entre nós o sr. coronel Gaspar do Couto R. Vilas.

— Regressou a Lisboa o sr. coronel Luís Pereira Loureiro.

— Com sua esposa, encontra-se entre nós, o nosso amigo sr. Herculano Dias da Costa Queiróz.

poldina Augusta Xavier Baptista de Sousa, pediram, há dias, em casamento, para o nosso amigo sr. Armino Coelho, a ex.ª sr.ª D. Maria de Lourdes Guimarães, prendada filha da ex.ª sr.ª D. Luísa de Araújo Fernandes Guimarães e do saudoso sr. Francisco Fernandes Guimarães.

Os noivos possuem as qualidades capazes de fazerem a felicidade do novo lar, motivo porque lhes apresentamos, antecipadamente, as nossas felicitações.

Missa de sufrágio — Os empregados da Casa Alberto Pimenta Machado mandam celebrar amanhã, às 8,30 horas, na Basílica de S. Pedro, uma missa em sufrágio da alma do seu saudoso colega Fernando Fernandes de Freitas.

Desastre — Na manhã de ante-ontem, quando regressava desta cidade a Braga a camionete da Auto-Motora, n.º 10464, despenhou-se por uma ribanceira, próximo de Caneiros, por lhe ter partido a direcção, cuspindo alguns passageiros, que ficaram ligeiramente feridos.

O veículo ficou muito danificado.

Morte — Por motivo duma lamentável ocorrência, apareceu ontem morto, no lugar das Marinhas, freguesia de Pinheiro, o lavrador-caseiro, João de Oliveira.

Os nossos amigos

Vieram à nossa redacção, pagar as suas assinaturas, os nossos amigos, srs. Gaspar Gomes

POPELINE LOYO - SHRUNK Para Camisas
ÚLTIMA NOVIDADE
Na CASA DAS MEIAS

Alves, João Garcia e António Fernandes, desta cidade.

— Por intermédio do nosso amigo, sr. Duarte da Silva Palmeira, de Famalicão, pediu a assinatura do nosso jornal o nosso conterrâneo, residente naquela vila, sr. Lourenço Lopes. Muito agradecidos.

Falecimentos

P.º João Lobo de Macedo

Na freguesia de S. Cláudio do Barco, faleceu, ontem, o rev.º João Lobo de Macedo, pároco daquela freguesia.

Na freguesia de Santa Cristina de Longos, faleceu, contando 84 anos, o proprietário sr. Manuel Joaquim Gomes.

As famílias enlutadas, as nossas condolências.

ATENÇÃO

Temos em exposição as últimas novidades em popelines para camisas, que executamos por medida, e em qualquer modelo. Garantimos o corte, que é um dos melhores.

CASA DAS GRAVATAS

EDITAL

Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães servindo de Administrador do mesmo Concelho:

Faz saber que, para os devidos efeitos e para cumprimento do art.º 8 do Dec. N.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, a esta Secção Administrativa da Câmara, baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

Faz saber que: — José Torcato Ribeiro Júnior, requereu licença para instalar uma fábrica de cortumes, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de cheiro, perigo de infecção e alteração das águas, na rua dos Couros, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte com Rio de Couros, sul com Fábrica de Tecidos de Bento dos Santos Costa & Companhia, nascente com oficina de acabamentos de couros, de António Esteves Pereira e poente com fábrica de cortumes de José António de Castro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Repartição, com sede no Pôrto, rua Sã da Bandeira n.º 142-2.ª.

Pôrto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 28 de Março de 1934.

O Engenheiro-Chefe, Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, Secção Administrativa da Câmara Municipal, aos 5 dias do mês de Abril de 1934 e quatro.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, Chefe da Secretaria da Secção Administrativa, o escrevi.

Ricardo F. Ribeiro.

BANCO DE PORTUGAL

Está em pagamento o dividendo relativo ao 2.º semestre de 1933, pagando-se por cada acção nominativa a importância líquida de Esc. 19\$98 e por cada acção Esc. 18\$75. Guimarães, 2 de Abril de 1934.

Pela Agência do Banco de Portugal, em Guimarães,

OS AGENTES,
(a) Antão de Lencastre.
(a) Heitor da Silva Campos.

Representações

ARMANDO MIRANDA, estabelecido com escritório na rua Conde de Vizela, 90-1.º, aceita representações de fábricas de tecidos.

Dá tôdas as referências exigidas.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Grande Liquidação

A CASA HIGH-LIFE inicia, na próxima segunda-feira, 9 do corrente, a extraordinária LIQUIDAÇÃO de todos os artigos do seu estabelecimento, os quais, pelos preços sensacionais porque vão ser vendidos, devem causar um verdadeiro assombro.

Aconselhamos, portanto, a todos os clientes, no seu próprio interesse, a verificarem as enormes vantagens desta liquidação, cujas baixas dos preços só se justificam numa liquidação urgente como a nossa. Nas nossas montras serão expostos alguns artigos marcados com os novos preços, para que todos possam verificar a verdade das nossas afirmações.

NÃO SE DÃO FAZENDAS A AMOSTRA.

AS VENDAS SÃO SÓ A DINHEIRO.

Alfaiataria com Fazendas

DE

RIBEIRO, FILHO

Participa aos seus Ex.^{mos} Fregueses e amigos que recebeu um enorme sortido de casimiras para a ESTAÇÃO DE VERÃO.

Padrões de novidade e aos melhores preços.

CASA PIMENTA

De Alberto Pimenta Machado

Filial: RUA 31 DE JANEIRO, 33 a 37 — Telef. 180

Acaba de chegar um grande sortido de Casimiras para a Estação de Verão, grande novidade de padrões a preços sem competência.

Muitos saldos com o desconto de 30 e 60 por cento. Não comprem Casimiras sem ver o grande sortido e preços desta casa.

VENDE SEMPRE MAIS BARATO.

COMPANHIAS DE SEGUROS

“A VICTORIA”, de Berlim

“Eagle Star British Dominions”,

Não façam os seus seguros, de vida ou de outro qualquer ramo, sem consultarem as várias modalidades que lhes pode apresentar o agente em Guimarães destas importantes Companhias, JOAQUIM DE MAGALHÃIS BASTOS - Rua Francisco Agra

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.^{ma} Sra.

Alfredo António

GUIMARÃES

CORRIGIDO